

**Dr. Steven D. Mathewson,
Pregando Narrativas do Antigo Testamento,
Sessão 5: Visão Geral do Processo Exegético [ACTS]:
Analisando o Contexto e as Conclusões**

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em sua aula sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a quinta sessão: Visão Geral do Processo Exegético, Atos dos Apóstolos, Análise do Contexto e Conclusões.

Nesta sessão, vamos concluir nosso estudo exegético e tirar algumas conclusões.

Lembre-se de que compreender uma narrativa significa analisar os atos: ATOS, onde A representa ação ou enredo; C representa personagens; T representa diálogos; e o passo final no processo é analisar o cenário, onde S representa ambientação. Há duas questões relacionadas ao cenário. Uma abrange o tempo, o lugar e a cultura específicos em que uma história se passa, mas a outra diz respeito à posição da história dentro do fluxo maior de histórias que compõem um livro. E, na verdade, essas questões se assemelham às enfrentadas por estudantes que pesquisam uma batalha da Guerra Civil Americana.

Se eu pretendo entender a Batalha de Gettysburg, que sempre me interessou, preciso considerar dois contextos. O primeiro consiste no local e período em que a batalha ocorreu.

Acontece que as forças da União e da Confederação convergiram involuntariamente na pequena cidade de Gettysburg, Pensilvânia, em 1º de julho de 1863, e a batalha durou três dias. Ela terminou em 3 de julho com a fatídica carga do Major General George Pickett. E os estudiosos que se dedicam a essa batalha irão aprofundá-la ainda mais.

Eles vão analisar as características topográficas, lugares como Cemetery Ridge e Round Top, Little Round Top, Devil's Den e Seminary Ridge. Esses são os locais onde a batalha aconteceu. Então, eles estão analisando o local e a época em que essa batalha ocorreu.

O segundo contexto, porém, consiste na posição dessa batalha no fluxo geral da Guerra Civil. Acontece que a batalha ocorreu aproximadamente no meio da Guerra Civil, que começou em 1861 e terminou em 1865. A vitória da União em Gettysburg, juntamente com a vitória de Grant em Vicksburg, realmente reverteu o rumo da guerra.

Quero dizer, foi um ponto de virada na guerra. E ainda mais significativo foi o que aconteceu depois de Gettysburg. O general da União, George Meade, perdeu a chance de aniquilar o exército de Lee e encerrar a guerra.

E sua cautela ao perseguir Lee deu às tropas de Lee tempo para se recuperarem do cansaço e escaparem para a Virgínia. É possível que a guerra pudesse ter terminado ali, mas, em vez disso, continuou por mais alguns anos. Portanto, novamente, se você quiser entender a Batalha de Gettysburg, precisa analisar o local e a época em que ocorreu, mas também precisa considerar o contexto mais amplo.

E é isso que temos que fazer quando estudamos uma narrativa do Antigo Testamento. Temos que prestar muita atenção tanto ao contexto histórico e cultural, ao lugar e à época em que algo aconteceu, quanto ao que chamamos de contexto literário. Onde essa narrativa se encaixa no fluxo do livro ou no fluxo dos acontecimentos do Antigo Testamento? Ambos os contextos são realmente importantes.

Vamos começar falando sobre o contexto histórico e cultural. Descobrimos isso fazendo e respondendo a algumas perguntas muito importantes. Em primeiro lugar, onde a história se passa? O autor geralmente nos diz onde isso acontece.

Se não estiver presente nessa narrativa específica, se voltarmos alguns capítulos, podemos ter uma ideia de onde isso se passa. Há algum movimento geográfico significativo na história? Sim. Em que época do ano isso aconteceu? Então, quando aconteceu e o que estava acontecendo em Israel naquela época? Robert Chisholm era um excelente estudioso do Antigo Testamento e dizia que, embora os detalhes do cenário físico sirvam apenas para dar realismo à história ou criar uma atmosfera, outras vezes esses mesmos detalhes podem ter valor simbólico ou até mesmo contribuir para o tema da história.

Por exemplo, em 2 Reis 1:9, ele diz que o arrogante oficial do rei exige que o profeta Elias desça do alto de uma colina, e Elias se recusa a descer, invocando fogo sobre o oficial e seus homens. Acontece que a posição elevada de Elias simboliza sua autoridade como porta-voz de Deus sobre o rei e seus mensageiros. No livro de Rute, a mudança de cenário de Israel para Moabe, como já mencionamos, mostra Elimeleque, que, segundo a tradição, abandonou Deus como seu rei ao levar sua família de Israel para Moabe, mas depois retornou a Israel.

Portanto, ao deixar Israel e ir para Moabe, ele essencialmente abandona a comunidade da aliança em busca de uma solução para sua fome. Além disso, quando lemos a indicação temporal no versículo um, que diz "no capítulo um, versículo um", e percebemos que foi um período moralmente sombrio na história de Israel, isso nos leva a crer que o problema físico do qual Elimeleque buscava escapar era a fome, mas que, na verdade, era um problema espiritual.

É aí que esses detalhes histórico-culturais podem acontecer. Em 2 Reis 11 e 12, a história do pecado de Davi com Bate-Seba, o início da narrativa é identificado como a primavera, época em que os reis geralmente iam para a guerra. Portanto, esperávamos encontrar o Rei Davi acompanhando o exército israelita e se juntando a eles no campo de batalha, mas, para nossa surpresa, descobrimos que Davi permaneceu em Jerusalém, o que leva a uma crise.

Esse é o contexto histórico-cultural. É muito importante analisá-lo, pois molda nossa compreensão da narrativa, mas também precisamos observar o contexto literário. Onde essa narrativa se encaixa na história maior? E isso é realmente crucial.

Aqui está um exemplo simples em 1 Reis, capítulo três, versículos 16 a 18. Esta é a história de Salomão e as duas prostitutas. E ele conseguiu descobrir, lembrem-se, que elas vieram até ele, e cada uma tinha tido filhos, mas um dos bebês morreu durante a noite, e ambas reivindicavam o bebê vivo.

E lembrem-se da solução dele. Ele disse: "Vamos trazer o bebê aqui, e eu o cortarei ao meio e darei metade para cada um de vocês." Mas, é claro, não era isso que ele pretendia fazer.

Ele fez isso porque sabia que revelaria a verdadeira mãe, seu coração. Ela gritaria. E gritou.

Ela diz: "Não, sabe, dê esse bebê para a outra mulher. Eu prefiro que ele viva." E Salomão diz: "Ali está a mãe."

O interessante é que a narrativa segue outra história. Primeiro Reis 3, capítulo 1 a 15, narra como Deus deu a Salomão um coração sábio e discernente. Então, temos esse relato de Deus dando a Salomão um coração sábio e discernente.

E então temos esta próxima história, que na verdade tem uma função de verificação, que diz, ok, veja, só para você saber, Salomão conseguiu o que pediu. Isso confirma. Aqui está um exemplo.

Em uma sessão anterior, mencionei a história de Davi, Abigail e Nabal em 1 Samuel 25. É fascinante porque essa história está inserida entre duas outras em que Davi tem a oportunidade, no deserto e em uma caverna, de tirar a vida do rei Saul. E em ambas as ocasiões, Davi se recusa a se vingar de Saul na narrativa final, no capítulo 26.

Ele diz: "Como posso tocar no ungido do Senhor? Isso seria errado." Ele reconhece isso. Então, olhamos para Davi e dizemos: "Nossa, isso é incrível."

Davi tinha a presença espiritual para saber que não podia se vingar do ungido do Senhor. Mas e se vingasse do tolo? Bem no meio dessas duas narrativas, temos a narrativa de Nabal, onde Davi é tentado. E se não fosse por Abigail o dissuadindo, ele poderia ter arruinado sua oportunidade de ser reconhecido pelo povo como o rei para o qual fora ungido.

Portanto, o posicionamento dessa história a torna ainda mais poderosa. Quero dizer, ela é poderosa por si só. Em 1 Samuel 25, você sabe, Davi percebe que não deveria se vingar.

Isso poderia arruinar tudo. Mas acho que é ainda mais impactante quando percebemos que está inserido entre duas histórias em que ele sabe que não pode se vingar do rei. E isso nos mostra que Davi ainda tem muito a aprender.

Então, sim, é uma compreensão bastante poderosa quando prestamos atenção ao contexto literário. Também já falei sobre Gênesis 38. Essa é outra narrativa em que precisamos entender o contexto literário.

Muitos intérpretes ficaram confusos com isso. Aliás, alguns. Eu mesmo trabalhei bastante em Gênesis 38 alguns anos atrás e encontrei algumas afirmações absurdas.

Um intérprete chamou isso de uma interrupção grosseira da história de José. Encontrei um intérprete britânico que disse que isso é como um cachorro entre nove pinos de boliche. Então pense nos pinos de boliche e imagine o cachorro.

Se você colocar pinos de boliche no quintal, talvez pinos de plástico na sua entrada de casa porque tem vizinhos por perto para jogar, e seu cachorro passar correndo por cima deles, todos vão cair. E esse cara disse: "É, basicamente é isso que Gênesis 38 faz". Alguns dizem: "É, isso só interrompe a história".

Por que isso está aqui? Bem, este capítulo aumenta a tensão. Quer dizer, ele interrompe a história de José justamente quando José foi vendido como prisioneiro. E então ficamos nos perguntando: "O que vai acontecer agora?". Depois, chegamos a Gênesis 38.

Mas não está ali apenas para atrasar a história, para aumentar o suspense. O que descobrimos é que Judá é uma espécie de contraponto a José. Lembre-se, falamos de um contraponto, um contraste.

Então José esteve, você sabe, na prisão, mas, bem, ele esteve na prisão. Ele foi vendido aos midianitas. E então chegamos a Gênesis 39, e ele é de fato colocado na prisão.

Quando as coisas começam a correr bem, ele está servindo na casa de Potifar, uma pessoa muito importante no Egito. Então, a esposa de Potifar tenta seduzi-lo. E quando José diz: " Não, como posso cometer tamanha maldade e pecar contra o Senhor?", ele é jogado na prisão porque ela o acusa falsamente.

Agora, compare isso com Judá. Lembre-se, Judá era quem não conseguia controlar seus impulsos sexuais. E, portanto, acredito que essas histórias são deixadas de lado para que possamos ver o contraste entre eles.

E eles fazem parte de uma história maior em Gênesis 37 a 50. Essa história costuma ser chamada de história de José, mas não é assim que o escritor bíblico a chama. Gênesis 32 é o relato de Jacó.

E há dois personagens principais nessa história. Um deles é Joseph. E sim, existem mais histórias, mais conteúdo sobre Joseph.

Mas Judá desempenha um papel fundamental. E quando você chega ao final de Gênesis 49, percebe: "Nossa, a linhagem pela qual a bênção será transmitida, a linhagem pela qual o Messias virá, é a de Judá, não a de José". Portanto, mais uma vez, preste atenção em como Gênesis 38 se encaixa na história.

E até mesmo essa narrativa maior em Gênesis, sobre Deus desenvolvendo uma nação através da qual Ele abençoaria a Terra por meio de Abraão, Gênesis 38, se encaixa nisso. Já falei sobre Juízes 17 e 18. Novamente, acho que a posição em que esses capítulos aparecem é fascinante.

O livro de Juízes tem uma estrutura realmente interessante. Costumamos pensar em Juízes como algo que poderíamos chamar de ciclos. Mas não são exatamente ciclos.

Há uma espiral descendente que vai do capítulo 3, versículo 7, até o final do capítulo 16. Então, você tem essas espirais descendentes. E o tema do livro de Juízes é, como Dan Block o chama, a canonização de Israel.

Em outras palavras, Israel tornou-se exatamente como seus vizinhos pagãos, exatamente como os cananeus. E isso é trágico. O que você encontra na introdução do livro são dois problemas.

O livro começa com o problema que chamaríamos de problema da guerra. E a coisa complica um pouco mais do que isso. Existe uma palavra hebraica que tem a ver com coisas dedicadas a Deus.

E a guerra que Israel deveria travar estava toda ligada a isso. Então você tem o problema da guerra e o problema dos ídolos. Portanto, o problema da guerra, o problema dos ídolos.

Então você tem essa grande seção da espiral descendente. E então você chega a Gênesis 17 a 21. E adivinhe? É uma imagem espelhada da introdução em, eu não disse Gênesis, eu quis dizer Juízes.

Juízes 1.1 a 3.6. Então você chega a Juízes 17 a 21. E lembre-se, no início, você tinha o problema da guerra, das coisas consagradas e o problema dos ídolos. Agora é exatamente o oposto.

No final, nos capítulos 17 e 18, temos uma narrativa sobre o problema da idolatria. E vemos que a situação piorou. E então, nos capítulos 19 a 21, o problema da guerra.

E é ainda pior, porque agora Israel está lutando contra si mesmo. É realmente fascinante como esse livro foi construído. Aliás, mesmo na seção da espiral descendente, em cada narrativa sobre um desses libertadores, eles são chamados de Juízes, mas são mais salvadores, libertadores, do que qualquer outra coisa.

A cada um desses casos, vemos as coisas piorarem. Por isso, estamos sempre tentando analisar o contexto literário. Onde essa passagem se encaixa em um livro específico da Bíblia? E, às vezes, até mesmo em qual livro ela se encaixa.

E esses elementos se tornam muito importantes. Muito bem, então analisamos a ação, os personagens, os diálogos e o cenário. Essas são as categorias principais.

Esses são os principais elementos que você precisa ter em mente ao ler uma narrativa. Inicialmente, você pode precisar apenas ter essa lista em um pedaço de papel ou mentalmente, e pensar em ATOS, ação, personagens, diálogos, cenário. Com o tempo, quanto mais você praticar, mais a leitura se tornará automática.

Essas categorias surgirão subconscientemente enquanto você lê. Então, na verdade, o que estamos fazendo é nos treinar para ler as coisas de maneira diferente. Pense bem e compare isso com a maneira como você estudaria, digamos, a carta de Paulo aos Colossenses, ou 1 Pedro, ou uma das cartas do Novo Testamento.

É um pouco diferente, não é? Estamos analisando coisas diferentes. Aliás, algumas pessoas reduzem os estudos bíblicos simplesmente a estudos de palavras. E as palavras são importantes, mas você vai descobrir que, na narrativa do Antigo Testamento, além de certas palavras-chave ou da observação de palavras repetidas, há outras coisas às quais você precisa prestar atenção.

Muito bem, agora precisamos tirar algumas conclusões. E esse é o desafio, porque você já tem todo esse entendimento, todo esse material, analisou a ação, analisou os personagens, analisou os diálogos, analisou o cenário. Bem, agora precisamos resumir e dizer: ok, então qual é a mensagem teológica que o autor está

comunicando por meio dessa narrativa em particular? Qual é o ponto que o Espírito de Deus está enfatizando? Qual é o objetivo ético? Ou seja, o que o povo de Deus está sendo desafiado a fazer por meio da narrativa? E é aqui que eu defendo a identificação da ideia central de uma narrativa.

Novamente, isso não significa que exista apenas uma ideia, mas qual é o ponto de partida? Qual é a ideia central da qual tudo o mais depende? Qual é o núcleo unificador? Bem, isso significa que provavelmente precisamos voltar e revisar um pouco os componentes de uma ideia. E Haddon Robinson, o falecido Haddon Robinson, que foi um dos principais pregadores e professores de pregadores do século XX e talvez do início do século XXI, em seu livro "Pregação Bíblica", apresenta um processo para descobrir a grande ideia de qualquer passagem, e eu acho que isso funciona muito bem para narrativas. Devo admitir que, na primeira vez que li o livro do Dr. Robinson, "Pregação Bíblica", e li esse material sobre a grande ideia, pensei: "Ah, por favor, todo esse trabalho, eu só quero pregar a Bíblia, por que tenho que fazer isso?". Mas, com o passar dos anos, à medida que amadureci, percebi que essa é uma forma de pensar, e é uma forma de pensar com clareza.

Porque não sei quanto a vocês, mas se já se depararam com muita exegese e, de repente, tiveram que resumir a mensagem, por onde começar? Bem, Haddon afirma que toda ideia tem um sujeito e um complemento, e o ponto de partida é o sujeito. O sujeito não é o sujeito gramatical; não é apenas o tópico, mas ele o define. Ele diz que o sujeito é, bem, aquilo sobre o que o autor está falando. E Haddon Robinson sempre sugeriu que formulássemos esse sujeito como uma pergunta que começa com quem, o quê, por quê, quando, onde ou como. São perguntas jornalísticas, como as que vocês podem ter aprendido, mesmo no ensino médio. Rudyard Kipling tinha uma frase famosa sobre essas perguntas.

Mas Robinson disse, então, ao ler uma passagem, ao estudar uma passagem, qual é o sujeito? Sabe, sobre o que o autor está falando? E formule isso como uma pergunta começando com quem, o quê, por quê, quando, onde ou como. E então, você tem o sujeito, e a resposta para essa pergunta é chamada de complemento, e isso seria COMPLEMENTO. É como a palavra completar, essa é a ideia.

Não é o elogio, ELOGIO. É quando você diz para alguém: "Ei, aquela refeição estava ótima" ou "Obrigado por me levar, aquele restaurante era ótimo. Você tem muito bom gosto."

Bem, você os elogiou. Mas não é disso que estamos falando aqui. Estamos falando de algo que complementa a situação.

Então, sujeito e complemento: o sujeito é sobre o que estou falando? O complemento é sobre o que estou dizendo? Sobre o que estou falando? Então, novamente, estamos voltando e analisando todo esse material, todas as percepções

que obtivemos sobre a ação, os personagens, os diálogos e o cenário. E agora estamos tentando sintetizar tudo em uma frase: Qual é a ideia principal do autor? A ideia central não diz tudo o que há para dizer sobre uma passagem, mas é importante que consigamos clareza sobre isso. Acho que provavelmente fazemos isso mais do que imaginamos.

Sempre que lemos um documento, procuramos entender a intenção do autor. E se conseguirmos sintetizar essa intenção, estaremos em uma situação muito melhor. Então, vou dar alguns exemplos disso.

Aliás, o assunto, como eu disse, não é apenas um tópico. Então você pode ouvir uma mensagem. Alguém pergunta: "Bem, sobre o que é a mensagem?" Você pode responder: "Bem, é sobre pecado."

Como Haddon Robinson conta uma história sobre Calvin Coolidge, o presidente Coolidge, que foi à igreja um dia e voltou para a Casa Branca. E sua esposa perguntou: "Sobre o que foi o sermão?" E ele respondeu: "Sobre o pecado." E ela disse: "Bem, o que o pregador disse sobre isso?" Ele respondeu: "Bem, ele era contra o pecado."

Foi isso que ele entendeu do sermão. Mas não basta dizer que o assunto é pecado. O que buscamos é a resposta do autor à pergunta: por que pecamos? Ou o que fazemos quando pecamos? Ou como podemos vencer o pecado? É isso que precisamos fazer.

Precisamos prosseguir um pouco mais. Então, a primeira coisa que queremos fazer é expressar isso em termos exegéticos. E isso pode ser um pouco confuso.

Mas se você pensar no nosso processo, nós estudamos isso. Queremos apresentar isso de uma forma exegética que fale sobre eles. Estamos usando a linguagem.

Poderíamos estar usando Davi, Abraão, os israelitas, os filisteus, ou qualquer outro personagem que tenhamos em mente. Então, em 2 Samuel, capítulos 11 e 12, por exemplo, podemos citar Paul Borden, que foi um professor de pregadores muito proeminente. Ele ensinou com Haddon Robinson e fez um excelente trabalho sobre narrativa.

E, ao trabalhar com 2 Samuel 11 e 12, o tema desses livros, segundo Paul Borden, seria: "O que Davi precisa aprender sobre como responder à graça de Deus? Esse é o seu tema. E então, o elogio que ele faz é que Davi deve aceitar o que a graça de Deus lhe deu e o que a graça de Deus não é. Assim, ao juntar tudo isso, sua ideia exegética é que Davi aprende a aceitar o que a graça de Deus não é."

E você pode dizer: "Bem, sim, mas a história era sobre Davi cometendo adultério. E não é assim que se evita o adultério?" Sim. Ao continuar a leitura, você percebe que o problema de Davi era que ele não aceitou o que Deus, em sua graça, lhe havia dado.

Urias teve a sensatez de fazer isso. Urias é o herói da história, mas Davi não. E, ao ler o capítulo 12, você descobre que Davi não aceitou o que Deus lhe disse. Você descobre que Davi aprende essa lição.

Deus poderia ter se livrado de Davi e simplesmente lhe entregado o trono. Claro, houve consequências sérias nos anos seguintes, mas descobrimos que Davi realmente aprendeu a responder à graça de Deus. Então, acho que isso é útil.

Aliás, a maioria dos sermões como este aborda temas como evitar o adultério ou quais as consequências do adultério. Mas não creio que seja esse o objetivo do autor bíblico aqui. Não, o autor bíblico quer que vejamos o que Davi aprende sobre a graça de Deus.

Então é mais ou menos isso que estamos fazendo. E então precisamos traduzir isso para uma linguagem atemporal. Assim, quando tivermos uma homilética ou uma ideia para um sermão, vamos expressá-la de uma forma que seja verdadeira para pessoas de todos os tempos.

E isso pode ser complicado porque, sabe, como sabemos que o que se aplica a Davi se aplica exatamente a nós? Quer dizer, isso era válido apenas para reis? Porque Davi era rei. Eu não sou rei. Não sou presidente de um país.

Então, como isso se aplica a mim? Falaremos um pouco sobre essa mudança de aplicação em outra sessão. Mas a questão é que começamos com uma abordagem exegética, mas depois vamos trazer esse conceito dessa linguagem para a linguagem do agora, ou linguagem atemporal.

Como isso se aplica ao povo de Deus hoje? Podemos voltar à grande ideia de Paul Borden. E creio que seja legítimo dizer, ao analisarmos isso à luz do restante das Escrituras e sob a perspectiva dos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, que precisamos aprender a aceitar o que a graça de Deus nos concedeu e o que ela não nos concedeu. Porque Deus dá a cada um de nós certas bênçãos, e grande parte das Escrituras, inclusive os Dez Mandamentos, diz: "Não cobiçarás o que é teu, nem ...

Essa era a essência do pecado de Davi, não era? E o Novo Testamento também fala sobre isso. Tiago menciona isso como um dos problemas fundamentais. Desejamos o que não temos e insistimos em ter isso, e esse se torna o problema.

Então, essa é uma das habilidades que precisamos aprender. E eu realmente acredito que essa abordagem de ideia central funciona muito bem com narrativas. Agora, ocasionalmente, e acho que estou sendo bem parcimonioso, ocasionalmente você pode dizer, sim, mas acho que você tem um assunto aqui, mas talvez em vez de apenas um elogio, haja dois ou três.

E às vezes você pode pregar dessa forma se achar que há dois ou três elogios a fazer, você pode fazer isso. Haddon Robinson tem uma categoria para isso. Ele faz isso.

Mas acho que precisamos ter muito cuidado, porque temos a tendência de transformar tudo em uma lista, não é? E acho que muitas vezes é mais preciso dizer: "Espere um minuto, é nisso que o escritor bíblico está se concentrando". Então, você percebe como essa abordagem funciona? Não estamos apenas buscando uma lista de princípios e cinco insights sobre oração ou seis insights sobre esgotamento da história de Elias em 1 Reis 19. Mas estamos realmente tentando dizer: "Certo, o que o narrador está fazendo com essa narrativa?" E, ao analisarmos o tema de um livro específico, como essa narrativa se encaixa nele? Agora, aqui estão mais algumas coisas que podem nos ajudar a identificar a ideia principal de uma passagem.

E isso, novamente, vem de Haddon Robinson. Um dos pontos que ele aborda é a visão de Deus. E o que ele diz é que a maioria das passagens, e eu concordo que isso também se aplica à narrativa, se concentra em um aspecto específico do caráter de Deus.

Volte a 1 Samuel 17 e ouça algumas das coisas que Davi disse sobre o Deus vivo. Ao terminar a leitura de 1 Samuel, se você se perguntar: "Qual é a visão de Deus? Que aspecto do caráter de Deus é apresentado?", eu diria que o aspecto do caráter de Deus que se destaca é o Seu poder vivificante, que Deus é mais poderoso do que qualquer outra força e que Deus dá ao Seu povo e aos Seus líderes a força para cumprir a missão que lhes foi dada. Em 2 Samuel 11 e 12, creio que a visão do narrador sobre Deus é a de que Deus é o doador de dons.

Quer dizer, essa é a questão no texto. A mensagem de Natã começa com: "Lembra quando o profeta Natã foi enviado para confrontar Davi? Isso está no capítulo 12. E o que ele faz? Ele começa com uma lista de dons que Deus deu a Davi."

Então, ele está te dando isso, ele está te dando isso, isso, isso e isso, mas não te deu Bate-Seba. E é por isso que Paul Borden descreve essa dádiva como a graça de Deus. Portanto, a visão de Deus em 2 Samuel 11 e 12 é que Deus é o doador de dons, ou seja, ele é o Deus da graça.

E acho isso muito útil para identificar qual aspecto do caráter de Deus está realmente em evidência nessa narrativa específica. E isso realmente me ajuda a chegar à ideia principal. Novamente, às vezes será mais fácil.

É algo mais superficial. Outras vezes, você pode ter que pensar um pouco mais e refletir sobre isso, mas está lá. Realmente está lá.

Muito bem, outra coisa que você deve observar é o que Haddon Robinson chamou de fator de depravação. E o fator de depravação é o pecado ou a rebeldia, talvez a tentação de se rebelar que enfrentamos, e é a isso que o texto se refere. Em outras palavras, é o problema.

Esse é o problema, o pecado que somos tentados a cometer. Que pecado impede o povo de Deus de responder adequadamente a um aspecto do Seu caráter? É algo muito semelhante ao que Brian Chappell chama de foco na condição decaída em seu livro sobre pregação centrada em Cristo. Então, quando voltamos a 2 Samuel 11 e 12, o fator de depravação é a tendência de Davi, e a nossa tendência, a minha tendência, de desprezar a Deus, ficando insatisfeitos com os dons que Ele nos deu.

Então, aqui está esse grande círculo de dons que Deus me deu, mas eu quero tanto o que está aqui fora que desobedecerei se precisar para consegui-lo. Esse é o fator de depravação presente neste capítulo. Às vezes, determinar a grande ideia se assemelha a rachar lenha.

Às vezes você fica preso num nó. Já aconteceu com você? Quando eu morava em Montana, tínhamos um fogão a lenha em algumas das casas em que morávamos, e eu saía naquelas manhãs frias e às vezes rachava lenha em pedaços pequenos, ou podíamos colocá-la no fogão, e às vezes, nossa, você batia na lenha e ela rachava instantaneamente, e você pensava: "Uau, eu sou bem forte". Aí, na próxima vez, eu batia num nó e demorava uma eternidade para rachar, e às vezes é assim que nos sentimos quando temos uma grande ideia.

Mas acho que a maneira de sair desse impasse é perguntar: "Certo, qual é a visão de Deus na história e qual é o fator de depravação que contradiz essa visão?". Essas pistas vão te ajudar a voltar ao foco. Novamente, essa é uma habilidade que exige tempo e prática. Existem bons recursos que podem te ajudar.

Novamente, meu livro, *A Arte de Pregar a Narrativa do Antigo Testamento*, tem mais alguns exemplos que você pode consultar. Há um livro chamado *O Guia da Grande Ideia para Pregação e Ensino*. Eu, inclusive, contribuí com as seções sobre Provérbios e sobre 1 e 2 Reis, e ele aborda esses livros, apresentando uma ideia central para cada passagem.

Novamente, faça seu próprio trabalho primeiro, mas depois consulte esses outros autores. E eu usei essa estratégia para alguns outros livros da Bíblia, e às vezes penso: "Acho que aquele autor não entendeu completamente", e tenho certeza de que há pessoas que leriam minha seção sobre 1 Reis e diriam: "Não tenho tanta

certeza de que ele tenha captado a ideia principal corretamente". Nem sempre é fácil.

E às vezes, como disse o velho pregador Phillips Brooks em suas palestras sobre pregação em Yale, a pregação se torna verdadeira através da personalidade. E estamos sempre buscando a intenção do autor, mas às vezes podemos enxergar algo de uma maneira única que outra pessoa não vê. E assim, fazemos o possível para resumir uma narrativa em uma única frase.

Não vamos apenas pregar essa grande ideia. Vamos recontar a história. Falaremos sobre o significado de pregar esses ensinamentos, mas ter essa ideia central em mente realmente ajuda a entender que é isso que pretendemos comunicar ao contar essa história.

Acreditamos que este seja um resumo da mensagem que Deus pretendia comunicar ao seu povo. Portanto, esses são alguns recursos que podem ajudá-lo nesse processo. É uma habilidade importante, e precisamos dominá-la antes de prosseguirmos com a preparação do sermão.

Na nossa próxima sessão, vou apresentar quatro perguntas que podem ajudá-los a passar da exegese e da identificação da ideia principal, da ideia exegética, para a elaboração do sermão. Chegamos ao ápice. Estamos no topo da montanha.

Já compreendemos o texto e temos uma ideia geral, mas agora precisamos voltar à realidade. Portanto, em nossa próxima sessão, iniciaremos essa jornada montanha abaixo para entregar a mensagem às pessoas a quem pregamos.

Este é o Dr. Stephen D. Mathewson, em seu ensinamento sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a sessão número cinco, uma visão geral do processo exegético [ATOS], Análise do Contexto e Conclusões.